

## **HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E LITERATURA NA BAHIA REPUBLICANA: A (RE) INVENÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA PRODUÇÃO DAS ESCRITORAS BAIANAS (1890-1930)**

MÁRCIA MARIA DA SILVA BARREIROS\*  
CAROLINE SANTOS SILVA\*\*

### **INTRODUÇÃO**

A balançar-me assim, desta maneira,  
Nunca me canso!  
Que boa fora a vida si ela inteira  
Fosse um balanço!<sup>1</sup>

As divertidas rimas acima carregam a sensação da leveza do “ser” criança. Os versos soam como a brisa que acariciava o rosto, enquanto o corpo livre ia e vinha no balanço que ficava no quintal. E mais tarde quando cansado de brincar, sentava no colo de papai e o fazia repetir dez vezes a mesma história.

Todas as experiências descritas anteriormente nos remetem ao mundo lúdico da infância, uma fase da vida humana permeada pela construção de identidades sociais e culturais vivenciadas em determinados contextos. Logo, se definimos a infância como uma construção social, a criança também passa a assumir o papel de sujeito histórico, oferecendo inúmeras possibilidades de abordagens ao campo da História Cultural.

E nesse novo lugar ocupado por esses sujeitos, é importante salientar sobre como determinadas instituições, envolvidas no processo de constituição das subjetividades das

---

\* Doutora em História Social –PUC/SP. Pós-doutoranda em História pela Universidade de São Paulo- USP. Atualmente é docente adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) /BA.

\*\* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CAPES. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Lize Brancher.

<sup>1</sup> Revista **O Tico-Tico**. Rio de Janeiro. 4 de abril de 1906. Nº 26. Ano II

crianças, se utilizaram de dispositivos entre outras estratégias para a produção de práticas e consolidação de representações. No caso mais específico deste trabalho, nos interessa pensar sobre o papel exercido pela Literatura infantil na construção de um ideal de infância na Bahia nas primeiras décadas da República, destacando para tanto a atuação da escritora baiana Amélia Rodrigues.

Tal perspectiva insere-se na análise do processo de nacionalização da Literatura Infantil no Brasil, contexto que tinha como pano de fundo a divulgação de uma política nacionalista, no qual as crianças, vistas como futuros cidadãos, se tornariam responsáveis pelos destinos da pátria. Neste campo literário e pedagógico atuaram diversos intelectuais brasileiros, a exemplo de Olavo Bilac (1865-1918), Manuel Bonfim (1868-1932), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Viariato Correia (1884-1967) e Figueiredo Pimentel (1869-1914).

Na Bahia ressaltam-se autoras como Amélia Rodrigues (1861-1926), Anna Ribeiro Góes Bittencourt (1843-1930), o Barão de Macaúbas, entre outros. Todos esses escritores e escritoras produziram textos que de alguma maneira contribuíram para a formação moral dos (as) pequenos (as) leitores (as). Além dos livros, os periódicos infantis reforçaram a difusão dos modelos e identidades que deveriam ser assumidos pelas crianças.

Ao analisar alguns desses discursos, fica evidente que os modelos ideais constituíam a identidade do homem branco da elite urbana. Assim, a literatura para crianças divulgava e reforçava identidades sociais e sexuais de maneira marcante, tanto livros quanto periódicos infantis voltavam-se mais para um público masculino, sendo que a lacuna presente na educação feminina, muitas vezes foi preenchida por manuais de comportamento e de civilidade, a exemplo da produção de Amélia Rodrigues, intelectual, que através da prosa literária, refletiu e escreveu sobre temas pedagógicos e cívicos aconselháveis aos meninos e as meninas.

## **PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE LIVROS INFANTIS NA BAHIA**

No século XIX, a leitura de livros nacionais para crianças ainda era muito pequena, embora já houvesse no país uma preocupação com uma produção de uma literatura voltada para a infância. Contudo, na maioria das vezes, as obras dos autores brasileiros se restringiam aos chamados livros de leituras, utilizados nas escolas para a alfabetização. O escritor baiano Abílio César Borges (1824-1891), Barão de Macaúbas, partiu de modelos pedagógicos europeus para publicar livros de leitura originais destinados especificamente para as crianças brasileiras. Suas obras reunidas ficaram conhecidas como Método Abílio, o que representou uma mudança considerável nas metodologias de ensino utilizadas nas escolas. Por isso, a História da Literatura infantil no Brasil encontra-se tão atrelada às reformas ocorridas no ensino primário entre os séculos XIX e XX.

Por outro lado, muitos autores europeus fizeram imenso sucesso entre as crianças brasileiras, além dos clássicos dos Irmãos Grimm e La Fontaine estão Daniel Defoe, Swift, Júlio Verne, Robert Louis Stevenson, Condessa de Ségur, Edmundo de Amicis, entre outros. Na Bahia, a circulação dessas obras pode ser comprovada a partir do mapeamento dos catálogos de livrarias, das referências encontradas no setor de obras raras da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, das listas de livros publicadas pelos periódicos do período e também através dos arquivos dos colégios mais antigos da cidade de Salvador.

Entre os catálogos das poucas livrarias existentes em Salvador em meados do século XIX destaca-se o da Livraria Catilina, que é apontada por muitos pesquisadores como o estabelecimento do ramo mais antigo e duradouro, sendo fundada em 1835 por Romualdo dos Santos. Alguns estudiosos assinalam que a mesma sobreviveu até meados da década de 50 do século XX.

As listas de livros para crianças oferecidos pela Livraria Catilina podem ser consultadas através do seu primeiro catálogo e das propagandas de ofertas nos periódicos, a exemplo de revistas de cunho pedagógico como *O Petiz* e a *Revista do Ensino primário*. Nesses documentos, são citados escritores como o italiano Edmundo de Amicis, autor da famosa obra *Cuore*, que obteve grande repercussão em terras brasileiras pelo seu caráter cívico e moral. Entre outros títulos estrangeiros, são divulgados os livros *Mulheres e crianças* e *Contos e phantasia* da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

Na visita ao setor de obras raras da Biblioteca Pública da Bahia foram encontrados livros como *As viagens de Gulliver*, Heitor Servadec, *A Ilha do Tesouro*, *Fábulas*, *Mulheres e crianças* e *David Cooperfield*, sendo que este último trata-se de uma edição francesa datada de 1881. Esse fato comprova que muitos livros também foram lidos em francês.

Além dos livros estrangeiros, é preciso dizer que a virada para o século XX também se caracterizou por um intenso processo de nacionalização da literatura infantil. E de fato muitos desses livros foram utilizados nas escolas, o que também os torna importantes na formação dos pequenos leitores baianos. Entre os autores brasileiros destacam-se Alberto Figueiredo Pimentel, Arnaldo Oliveira Barreto, Júlia Lopes de Almeida, Romão Puiggari, Francisca Júlia, Alexina Magalhães Pinto, Viriato Correia, Tales de Andrade, Virgílio Cardoso de Oliveira, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Olavo Bilac. Os dois últimos autores escreveram *Através do Brasil* publicado em 1910, livro escolar de orientação nacionalista que fez bastante sucesso em todo território brasileiro. Olavo Bilac, Inspetor de Ensino no período, pode ser considerado um dos pais fundadores desse tipo de Literatura.

Na Bahia, entre os livros publicados pela Livraria Catilina em fins do século XIX e início do século XX, está *Oração às crianças* (1913) de Lemos de Brito. Apesar da importância do literato citado anteriormente, destaca-se a atuação da escritora e educadora baiana Amélia Rodrigues, que dedicou parte de sua vasta obra, à literatura infantil, o que inclui também a autoria de peças teatrais.

## AMÉLIA RODRIGUES: MESTRA E MÃE

Escrevi este livro, queridas meninas, para auxiliar vossos Pais e vossos mestres na doce tarefa de fazer-vos amar a virtude e a instrução.<sup>2</sup>

O trecho acima deixa claro qual o objetivo da escritora Amélia Rodrigues ao escrever *Mestra e mãe*, livro voltado para a formação da infância, uma espécie de manual de educação

---

<sup>2</sup> Trecho retirado do livro *Mestra e mãe*. O livro ganha medalha de ouro na Exposição Internacional Brasileira de 1908, e é indicado para a disciplina de Educação Moral e Cívica nas escolas de Salvador.

cívica e moral publicado 1898. (ALVES, 1998). A análise do romance de Amélia Rodrigues pode revelar uma preocupação com as crianças no contexto específico da Bahia, principalmente no que concerne à formação das meninas, tendo em vista a atuação da escritora na defesa da educação feminina. Além de problematizar a instrução oferecida às mulheres naquela época, é importante salientar que a escritora esteve bastante preocupada com a educação oferecida aos pobres. O que a diferencia dos literatos que escreviam para uma elite urbana.

Amélia Augusta Rodrigues do Sacramento nasceu em 26 de maio de 1861, na Freguesia de Oliveiras dos Campinhos, Município de Santo Amaro na Bahia. Iniciou seus estudos com um familiar, o cônego Alexandrino do Prado Valadares. Posteriormente, os professores Antônio de Araújo Gomes de Sá e Manuel Rodrigues Martins assumiram sua instrução. Com eles, aprofundou o estudo da língua vernácula e da matemática, dos clássicos e do latim, além das línguas estrangeiras inclusive o alemão. (ALVES, 1998).

Após ingressar em uma escola formal para preparar-se para o magistério, Amélia Rodrigues, aos 18 anos, foi aprovada em primeiro lugar para um concurso para professora primária na cidade de Santo Amaro. Neste mesmo período, Amélia já dava provas do seu talento literário, escrevendo poemas para alguns periódicos santamarenses. Sendo que em 1882, ela escreve um folhetim *O mameleuco*, em 1896 *A promessa* e em 1898 *Mestra e mãe*.

Em 1891, Amélia Rodrigues muda-se para Salvador, onde é aprovada em outro concurso. Além de lecionar, ela se dedica ao jornalismo, aproveitando as oportunidades oferecidas pela capital. Passou então a colaborar com a Igreja Católica intensificando a produção de textos de caráter militante e religioso. Também escreveu para diferentes periódicos da Bahia e do Brasil, destacando-se sua atuação na criação da primeira revista feminina da Bahia *A Paladina* (1910), e posteriormente, em 1913 foi lançada *A voz da Liga das senhoras católicas*.

No primeiro número de *A paladina* em janeiro de 1910, a escritora deixou claro quais eram as diretrizes seguidas pelo periódico, refletindo para tanto sobre os lugares nos quais as mulheres poderiam atuar, dessa maneira constrói um discurso para legitimar e justificar a atuação feminina nas páginas dos jornais e revistas baianos.

Não é muito portanto que nós outras trabalhadoras da paz, acostumadas às lides do lar, da escola e da pena, peçamos um lugarzinho modesto à imprensa de nossa terra, - campo atual de combate, para esgrimir a seu lado, embora companheiras fraquíssimas, pelo nosso ideal tão bonito, pela defesa moral, - força diretriz da verdadeira grandeza dos povos. (1910: 6)

Alguns estudos apontam estratégias utilizadas pela escritora para ganhar espaço para a divulgação de suas obras, e uma delas seria a humildade. Amélia Rodrigues na maioria de seus textos demonstra-se despretensiosa, alegando a simples missão de transmitir valores morais às mulheres e às crianças. Tendo a única intenção de incentivar a instrução dos futuros cidadãos e cidadãs. Portanto, essa poderia ser uma tática para permanecer ativa, já que não aparentava um perigo à família e aos valores cristãos do período. Sendo assim, ela reafirmou neste mesmo artigo:

Não levantamos a bandeira do feminismo-sufragista, nem advogamos os pseudo-direitos da mulher moderna, que pretende estultamente invadir o terreno da ação masculina, deixando a erva crescer no seu.

Se feministas somos é no bom sentido, no sentido cristão, como tantas senhoras o tem sido no decorrer dos séculos e o são agora em alguns países europeus e americanos. (ibidem)

Ser feminista no bom sentido, dessa maneira a escritora se definiu. Se por um lado ela defendeu certos direitos femininos, como o acesso a instrução, por outro lado, se posicionou contra um movimento que afastaria as filhas e esposas de suas obrigações morais com a família e com a pátria. Amélia Rodrigues, a exemplo de muitas militantes do período, temia a masculinização das mulheres e perda de valores caros à Igreja Católica. Segundo a historiadora Márcia Barreiros (2005), a consciência da escritora sobre os direitos da mulher foi marcada por uma rígida ética religiosa. “A militância na Igreja e a participação no grupo

de senhoras católicas em Salvador influenciaram a pauta de suas reivindicações.” (BARREIROS, 2005:248)

Em busca de novas oportunidades, e a convite do padre Sinzing, Amélia Rodrigues muda-se para Niterói-RJ, e lá trabalha como editora, tradutora, co-autora de hinos religiosos e textos de orientação pedagógico-cristã. Ela colaborou com a obra de Sinzing (1923) sobre os romances que deveriam ser lidos para a instrução das moças, o livro tem uma extensa relação de autores, que são descritos em seus pontos positivos e negativos, sendo julgados a partir da ótica dos valores da época. Alguns foram classificados com leituras perniciosas, portanto os pais deveriam tomar cuidado e vigiar suas filhas para que não tivessem contato com tais obras.

A trajetória da escritora baiana Amélia Rodrigues foi marcada pela luta em defesa da educação feminina, em especial, das mulheres pobres da Bahia. E sua parceria com a Igreja Católica influenciou os caminhos e estilos por ela adotados. A pesquisadora Ivia Alves afirma que a medida que a escritora relacionou-se com a religião, diminuiu a produção em verso, deixando a narrativa longa para dedica-se à crônica e ao conto, textos que seriam mais fáceis de serem digeridos pelos leitores (ALVES, 1998). Ao mesmo tempo, há o aumento da produção de peças teatrais de cunho pedagógico, voltadas principalmente para as crianças. Muitas dessas peças foram encenadas em alguns colégios da cidade de Salvador.<sup>3</sup>

## ERA UMA VEZ...

---

<sup>3</sup> Entre as principais obras de Amélia Rodrigues estão *Filenila* (poesia, 1883), *Bem-me-querês* (poesia, 1906), *Do meu arquivo* (Contos, 1913), *A promessa* (romance, 1896), *Mestra e mãe* (romance, 1898), *Fausta* (teatro, 1886), *A madrasta* (teatro, 1917), *Teatro infantil* (1922) e *Progresso feminino* (teatro, 1924). Além disso, ela colaborou com diversas revistas, a exemplo de *A paladina*, *A voz*, *Brasil Ilustrado*, *Luz de Maria*, *Revista Amiga do Lar*, *Revista Excelsior*, *Revista Fon-Fon* e *Vozes de Petrópolis*.

À margem do Rio São Francisco, no sertão da Bahia, estava localizada a Fazenda do Ingá-Assú. Propriedade herdada pelo padre Martins logo após a morte de seu pai. Neste lugar onde tudo que se plantava dava frutos, o sacerdote ergue uma pequena capela e reafirma os compromissos com a comunidade ao redor da fazenda. Os que passavam por ali afirmavam: “Que colônia, a dele! Moralizada, feliz, trabalhadora, dócil... um modelo de colônia! Parece que ressuscitou naquele homem um dos santos jesuítas domadores de selvagens. É o Anchieta moderno, a caridade em forma humana!” (RODRIGUES, 1929: 14)

Amélia Rodrigues inicia o Livro *Mestre e mãe* falando do sertão da Bahia, lugar onde a Igreja Católica continuava exercendo seu papel “colonizador”. Para autora, isso indicava que aquele povoado estaria em boas mãos, já que a moral religiosa poderia se perpetuar. Assim, trazendo como pano de fundo a constituição de uma religiosidade dentro da região, inicia seu romance tendo como preocupação a educação para meninas.

O texto tem como tema principal a criação de uma escola feminina no povoado rural de Ingá-Assú, lugar que a escritora deveria conhecer bem, já que nasceu e cresceu no interior da Bahia, onde as dificuldades para a educação das mulheres eram bem maiores. Nesse sentido, o envolvimento com a Igreja foi bastante importante, já que seus primeiros estudos foram iniciados com um familiar que era padre. Por isso, ela defende uma instrução vinculada à palavra de Deus.

Amélia narra o crescimento do Ingá-Assú, com novas casas, aumento do comércio e da indústria, e até mesmo uma escola para meninos. A autora descreve a preocupação com a educação masculina, pois naquele tempo era preciso ensinar os meninos a ler e escrever, e também fazer contas. Entretanto, ela ironiza o processo de ensino através da figura do mestre, o professor Barbosa.

Da escola para os rapazes havia-se encarregado um velhote, feiarrão, sempre de óculos escarranchados no nariz e palmatória ao lado, que não fazia graças para ninguém rir. Quando ele fincava o queixo no peito e olhava por cima dos óculos, já se sabia: a trovoada ia desabar. (1929:15)

Ao que parece Amélia Rodrigues faz uma crítica ao velho sistema de ensino que vigorava em todo o país, principalmente no que concerne ao uso da palmatória como prática recorrente para a disciplinarização dos corpos das crianças. É preciso dizer que muitos escritores de meados do século XIX e início do XX trataram das escolas primárias e produziram representações que faziam referência a esse caráter repressor das escolas, temos o exemplo de Machado de Assis, Raul Pompéia e Viriato Correia. (MAZZARI, 1997)

A professora da escola para meninas do Ingá-Assú tem atitudes completamente diferentes do professor Barbosa. Ao contrário, a Senhora Mercês é uma personagem doce, que desejava ser chamada de avó por suas alunas, afirmando-lhes que só seriam castigadas se não fossem boazinhas. Mas as meninas, que antes estavam tensas diante da mestra, tranquilizaram-se diante de tanto amor e benevolência.

A senhora Mercês é uma dos personagens centrais do romance. Ela apareceu no vilarejo como uma mendiga, morrendo de fome e sede. Acolhida pela filha do Senhor Botelho, Euphrosina, recebeu todos os cuidados, e logo revelou sua história. Era uma senhora de muitas posses no Ceará, todavia devido a seca perdeu tudo e resolve imigrar. Por ter tido uma boa instrução, Dona Mercês se ofereceu para ajudar as meninas do povoado que careciam de educação. O padre Martins e Sr. Botelho aceitaram sua ajuda e iniciaram a construção da escola.

Nesse momento da trama destacam-se os debates sobre a definição do que seria uma boa educação para as meninas. O padre Martins expos sua opinião se colocando contra ao que na época se chamava de educação moderna:

(...) Sou inimigo dos maus colégios e das moças embonecadas. Quero a mulher dona de casa, modesta, trabalhadora. A mulher forte, que leio na Escritura. É ir contra o progresso? Paciência. Mas creio que tirar a mulher desta posição que Deus e a natureza lhe marcaram não é progredir, é retrogradar. E estou nisto com todos os homens sensatos do século. Aprecio as belezas da educação moderna e detesto seus defeitos. Fazer da companheira do homem um manequim de salão é atrofiá-la, torcer o seu destino, mudar o seu papel, preparar o descabro da família. (RODRIGUES, 1929: 36)

Neste trecho é importante demarcar a posição da escritora, que em muitos de seus trabalhos se colocou contra a saída das mulheres do lar. A crítica que ela faz se estende a uma proposta de instrução que produziria nas mulheres sentimentos fúteis, a exemplo da vaidade, e que, portanto, as afastaria de sua verdadeira vocação. Para Amélia Rodrigues era preciso que houvesse uma educação feminina, contudo essa instrução deveria formar cidadãs que estavam conscientes de seus papéis de mãe e dona-de-casa. Educar para que melhor se exercesse as funções domésticas, para disciplinar e moralizar os hábitos femininos. Ao longo do romance, a escritora reafirma essas posições, e continuamente desenrola situações e eventos nos quais envolve os personagens para reforçar certos valores, como cultivo da humildade, da fé e do patriotismo.

E todas essas características estavam reunidas em Euphrosina. A menina no início da narrativa tinha entre doze e treze anos, ela e D. Mercês compunham o modelo que deveria ser seguido pelas outras crianças. A garota era exemplo de bondade e cuidado para com todos, era delicada e afetuosa, uma flor do sertão como assim a denominara a autora. Segundo Amélia Rodrigues a beleza de Euphrosina estava no seu jeito de ser, no seu caráter; não era uma beleza vulgar, mas algo natural que emanava da menina.

Os seus olhos grandes, claros, extremamente meigos, pareciam espelhar o céu puríssimo de sua alma. Os lábios riam pouco, sem andar contraídos, e davam-lhe atestado contínuo do caráter doce e pacífico. (...) Vigorosa, alta para a sua idade, sem denguiques de maneiras nem delicadeza afetada, via-se que ela não era o produto doentio da educação anti-higiênica das cidades, onde as meninas pálidas, magras, parecem figurinhas de cera que o menor sopro derruba. (Idem, p.70).

Através de Euphrosina, Amélia constrói a representação de um ideal de infância, em especial, de uma infância feminina. A autora neste romance também marca o período de transição da infância para a idade adulta quando a garota encontra um pretendente para casar-se. Assim, Euphrosina, moça de boa índole, que recebeu os ensinamentos de sua mestra de

coração aberto, tornou-se uma mulher com todas as qualidades para amar o lar e sua pátria. Ao que parece, o local onde a menina cresceu, longe de toda agitação urbana, influenciou para que bons sentimentos frutificassem em seu coração. Essas são as principais referências que Amélia Rodrigues faz à moça, talvez um recado a suas leitoras; espelhem-se em Euphrosina, e não nas moças “espartilhadas” das grandes cidades.

Outras crianças fazem parte do enredo, e muitas outras temáticas surgem no romance. O que justifica pensar no papel da autora na constituição e consolidação da Literatura infantil na Bahia. *Mestra e mãe*, livro essencialmente escrito para meninas, possibilita uma reflexão sobre as representações da infância produzidas por esse livro. Em uma primeira análise, Amélia Rodrigues não se distancia de uma produção nacional, pois escreve pautando-se em valores cívico-morais, incluindo a temática do patriotismo. Entretanto, esboça em muitos momentos uma preocupação com a infância desvalida, meninos e meninas que dificilmente tinham oportunidades de instruir-se.

*Mestra e mãe* também sintetiza parte das concepções de Amélia Rodrigues. Pode-se dizer que ela acreditava que toda mestre deveria se comportar como mãe de seus alunos, ensinando-lhes com compaixão e paciência, não deixando de ser severa quando preciso. Por outro lado, toda mãe deveria ser instruída para que também se comportassem como mestra de suas filhas e filhos. Assim, ao final do romance, Amélia Rodrigues convoca suas leitoras para que, se possível, criem escolas como a de Ingá-Assú, para que possam difundir a instrução e levar os valores religiosos a quem precisasse, fazendo isso em favor da reorganização moral da pátria. (RODRIGUES, 1929: 344).

## CONCLUSÃO

Para este trabalho inicial partimos da perspectiva da leitura como prática cultural, definida pela análise do contexto de escrita do livro, pelo processo de editoração, pelos meios

de circulação, e por fim, e pela definição das identidades sociais dos leitores. Logo, tornou-se importante pensar nas concepções que envolviam as representações de infância construídas pela autora. A trajetória de Amélia Rodrigues como escritora e educadora demonstra que ela participou ativamente da formação de muitas crianças, e pode lhes transmitir todos os valores nos quais acreditava. Mas como esses ensinamentos foram assimilados por meninos e meninas é uma questão que acompanhará todo o processo de pesquisa.

Por isso, é preciso levar em consideração as proposições feitas por pesquisadores no campo da História da leitura, pois estes têm enfatizado a importância de se entender o processo de apropriação e significação dos textos por seus leitores. E na busca desses leitores é necessário pensar para quem Amélia Rodrigues escrevia. Assim traçar um perfil dos personagens do livro *Mestra e mãe* pode indicar caminhos para chegar ao público da escritora, pois de alguma forma ela escrevia para quem pudesse se identificar com as crianças que habitavam o universo de suas obras.

Por outro lado, a produção da escritora baiana oferece a possibilidade de pensar como a educação infantil na República esteve permeada por relações de poder que consolidaram lugares sociais e sexuais. Nesse sentido, os estudos de gênero devem permear toda a análise, já que estamos pensando na literatura infantil, como dispositivo de controle, instrumento para a delimitação de papéis que deveriam ser exercidos por meninos e meninas. Por outro lado, a categoria gênero ajuda a entender a atuação de uma mulher que ocupou um espaço eminentemente masculino. Amélia Rodrigues foi uma das primeiras mulheres do período a se profissionalizar como escritora, inclusive teve certo rendimento com a venda de seus textos. Apesar de defender o casamento e a família, Amélia não se casou. Talvez tenha sido por isso que ela teve mais liberdade para instruir-se, podendo assim desenvolver seu talento e crescer no seu campo de atuação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB). São Paulo: FAPESP, 2003.

ALVES, Ívia (org.). **Amélia Rodrigues: Itinerários percorridos**. Salvador., NICSA/Bureau, 1998.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro. **Longos Serões do Campo**. V. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BRITO, Lemos. **Oração às crianças**. Salvador: Livraria Catilina, 1913.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Mulheres e crianças**: Notas sobre educação. Porto: Editores Joaquim Antunes Leitão & Irmão, 1880.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Brasília: Editora Unb, 1994.

\_\_\_\_\_. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. Campinas: Unicamp, 11(5), 1991. p.173-191.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEL PRIORE, Mary (org.) **História da criança no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1996. (coleção Caminhos da História).

DICKENS, CH. **David Copperfield**. Paris: Librairie Hachette Et C<sup>ie</sup>. 1881.

EL FAR, A. **Páginas de sensação**: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONTAINE, J. La. **Fabulas**. Londres: Typographia de H. Bryer, 1813. (traduzido por Francisco Manuel do Nascimento)

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil, sua História**. São Paulo: EDUSP, 1985.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Márcia Maria da S. Barreiros. **Entre a tinta e o papel: Memórias de leituras e escritas femininas na Bahia. (1870-1920).** Salvador: Quarteto, 2005.p. 131.

MAGALDI, A. M. B. M. ; CUNHA, M. T. S. Lições para mães e famílias: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. In: Ana Waleska Pollo C. Mendonça. (Org.). **História e educação: dialogando com as fontes.** Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2010, v. 01, p. 145-178.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. in: **Revista Estudos Avançados/Portal Scielo Brasil.**São Paulo; vol. 11; n.º 31; Set./Dec. 1997

PASSOS, Elizete. **Amélia Rodrigues (1861-1926).** EDUFBA: Salvador, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. In: **Revista Catarinense de História.** Ed. Terceiro Milênio (2): 35-44, 1994.

RODRIGUES, Amélia. **Mestra e mãe: Educação cívica e moral.** Bahia: Typ. Salesiana, 1929.

SINZIG, Pedro. **Através dos romances: guia para as consciências.** Niterói: Vozes, 1923.

STEVENSON, Robert-Louis. **A ilha do tesouro.** São Paulo: Companhia editora nacional, 1933.

VERNE, Julio. **Heitor Servadac: viagens e aventuras através do mundo solar.** Lisboa: David Corazzi, editor. 1888. (Tradução de Xavier da Cunha)